

# Projeto parado

A MODERNIZAÇÃO da sociedade brasileira tem um sério obstáculo: a concentração de rendas, identificada por todas as pesquisas, e vigente num nível que coloca o Brasil em situação internacional confrangedora.

O MODO de alterar esse estado de coisas sempre foi objeto de discussões tão complexas quanto acaloradas, e que passam por toda a gama de modelos políticos, econômicos e sociais.

NO fundo de tantos debates, entretanto, há uma verdade simples: o grande instrumento de democratização e transformação de uma sociedade continua a ser a educação fundamental. Países que passaram por esse teste, como o Japão, são hoje sociedades de classe média com extraordinária performance econômica.

EM sentido contrário, não passar no teste significa construir uma sociedade onde, a todo momento, haverá gargalos — obstáculos que só são transpostos por uns poucos, o que prejudica o funcionamento da sociedade como um todo.

É EXATAMENTE nesse ponto que se encontra o Brasil. A sociedade brasileira revela há muitas décadas um grau de dinamismo invulgar. Basta compa-

rar o que era o País, no início do século, em relação às outras nações, e o que ele é hoje: a mudança de posição é notável.

MAS ficou o gargalo, consequência do fracasso de um modelo educacional que, para falar a verdade, nem saiu da prancheta. E a partir daí, surge toda espécie de problemas: é a fábrica que não consegue mão-de-obra qualificada, ou que funciona abaixo da sua capacidade devido a essa mesma circunstância; é a cidade grande vergando ao peso dos "descamisados" que chegam do interior sem a menor instrução, e que acabam engrossando o exército da marginalidade.

A ESCOLA, tradicionalmente, é o instrumento em melhores condições para modificar esse quadro. O ensino público no Brasil, entretanto, conseguiu chegar a uma situação absolutamente desanimadora, sobretudo em relação às primeiras séries — que são "fundamentais" em mais de um sentido. Contar a história desse fracasso implicaria elucidar diversos mistérios — como a estranha relação que se estabeleceu entre o ciclo militar e a educação. O movimento de 1964 tinha propósitos modernizadores em diversas áreas. Na educação, entretanto, praticou uma curiosa ênfase nos cursos de pós-gra-

duação, totalmente desacompanhada de melhoramentos nos outros estágios do sistema. E o ensino básico mergulhou mais fundo na direção da incompetência.

O GOVERNO Collor também assumiu sob a égide da modernização. Vai completar um ano de vida, entretanto, sem que se tenha visto a mais remota possibilidade de transformações significativas nessa área. O que se viu foi muita discussão do Ministério da Educação com as escolas particulares; e nem por aí parece ter sido feito qualquer avanço.

A AFIRMAÇÃO de que o ensino básico não é competência de Brasília contém, como é óbvio, uma meia-verdade. Estados e Municípios detêm, realmente, o peso maior da responsabilidade nesse terreno. Mas esses Estados e Municípios existem em níveis absolutamente disparatados de desenvolvimento social e econômico.

A O Ministério da Educação caberia, à margem de suas outras atribuições, exercer verdadeiro papel de liderança na transformação de um panorama que é causa eficiente das nossas mazelas sociais. Até agora, nada se viu de concreto nesse sentido.